

Os Limites do Humor: A Manutenção de Estereótipos Mediada Pelo Riso ¹

Ana VELOSO²

Ivson HENRIQUE³

Joyce VIANA⁴

Lais RILDA⁵

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este artigo problematiza a perpetuação de estereótipos nos programas de humor e a propagação deste tipo de programa em outras plataformas de mídia, tendo como objetivo demonstrar que a construção do humor, muitas vezes é feita a partir da exploração das características particulares de determinados grupos sociais. Para isto, recorreremos aos textos de AMORIM (2014), SILVA (2013), D'OLIVEIRA e VERGUEIRO (2011), RIBEIRO (2014), BENTO (2002), SAKAMOTO (2012), que problematizam a relação entre o humor, o reforço dos estereótipos e a ridicularização do outro para provocar o riso. Apresentando também estudos de casos que demonstrem as questões apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Humor; Estereótipos; Liberdade de expressão; Naturalização; Racismo;

O humor está associado ao gênero da comédia, surgido por volta do século V a.c. na Grécia antiga num momento histórico em que a democracia e os conceitos de liberdade de expressão estavam ganhando força. A comédia era tida como um gênero inferior, já que competia atenção das pessoas com a tragédia, bem mais consolidada na população grega e que contava histórias de deuses e heróis marcantes na mitologia da Grécia. A comédia contava histórias de pessoas comuns, e era prestigiada por um público mais popular.

“O humor é a arte da disposição cômica de uma pessoa. Mais do que um ‘estado de espírito’, ele é considerado um talento para muitos, no qual, marcado pela espontaneidade e graça, é reconhecido como a arte de fazer rir.” (AMORIM, 2014)

Desde o surgimento até a atualidade a comédia vem sendo construída a partir da reprodução de estereótipos sociais, étnicos, de gênero e de credo. Um discurso que contribui para perpetuação e criação de novos estereótipos, um discurso que em alguns

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 7 a 9 de julho de 2016.

² Orientadora do trabalho. Professora dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Rádio, TV e Internet e coordenadora do Observatório de Mídia: Gênero, Democracia e Direitos Humanos, projeto desenvolvido pelo Departamento de Comunicação Social da UFPE, e-mail: anavelosoufpe@gmail.com

³ Estudante de graduação 6ª semestre de Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: ivsonhenrique_8@hotmail.com

⁴ Estudante de graduação 6ª semestre de Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: joycerodriguesv@gmail.com

⁵ Estudante de graduação 6ª semestre de Rádio, TV e Internet da UFPE, e-mail: laisrilda@hotmail.com.

casos viola os direitos humanos, mas que consegue ser naturalizado valendo-se de uma interpretação equivocada do conceito de liberdade de expressão.

“... a liberdade ilimitada só existe na cabeça de quem se acredita acima das leis, normas, convenções sociais, etc. Por exemplo, racismo é crime. Então, a pretensa liberdade de expressão do comediante que adota o discurso racista revela-se ilusão. A contestação do discurso e práticas preconceituosas está tão relacionada à liberdade de expressão quanto a fala contestada. O comediante tem a liberdade de fazer a piada, mas deve saber que não está acima da lei, do bem e do mal, menos ainda livre da contestação.” (SILVA, 2013)

A liberdade de expressão é um direito fundamental que cada indivíduo tem para expressar suas opiniões e pensamentos livremente sem sofrer censura. Essa liberdade é muitas vezes interpretada como um direito de agir e se posicionar da forma que bem entender. Mesmo sendo um tipo de liberdade, ela tem limites, e esse limite começa quando a expressão viola os direitos do outro. É isso que ocorre, muitas vezes, na construção do gênero humorístico.

“O meu limite não é o seu limite. Uma pessoa tem tolerâncias diferentes em cada situação e diferentes de outras pessoas. Nossas visões, reações e gostos se diferenciam, misturam, conflitam e divergem, pois somos todos únicos. O que me fere e causa repulsa numa piada social, pode ser natural e bem assimilado por outra pessoa, o que para muitos indigna, para outros grupos pode ser vital como prova de notoriedade e existência.” (AMORIM, 2014)

Uma piada não é só uma anedota ou uma contação engraçada de um fato ou história. Uma piada é um discurso, ela envolve comunicação dentro de um determinado momento e contexto. A piada diz respeito a quem fala, o humorista, a quem se fala, a plateia e de quem se fala, o alvo da piada. Portanto, como todo ato comunicativo tem a intenção de dizer algo a alguém e essa intenção é preciso ser levada em consideração pelo seu interlocutor. A construção do discurso humorístico no Brasil passa por toda uma estrutura social já construída e baseada no discurso opressor.

Estruturação do humor no Brasil

O humor no Brasil é construído por caminhos variados, mas que recaem no lugar comum que é o uso exagerado dos estereótipos raciais, sociais, de gênero, de idade e os sexuais. O humorista não vive em uma bolha social, ele é totalmente moldado pelo discurso

do lugar onde está inserido, ele tem sua marca em cada discurso que propaga. O riso é o resultado esperado para a piada construída. Para que ele ocorra é preciso que o autor e a plateia entrem em consenso de que aquele discurso é engraçado. Quem ri faz isso conscientemente e reforça a mensagem que foi transmitida pelo interlocutor.

Os Trapalhões, por exemplo, representam o programa humorístico que passou mais tempo no ar. Sua estreia aconteceu em 1966 na extinta TV Excelsior, com os anos foi mudando de canal, passou pela TV Record, TV Tupi e por fim pela Globo, emissora onde chegou ao fim em 1990. O programa trazia quatro personagens bastante estereotipados. Um deles, Muçum, personificava o negro carioca.

[Muçum] se apropriou de uma série de clichês depreciativos sobre o negro brasileiro em geral (a iletrabilidade, o desleixo no vestir, o alcoolismo) e mesclou-os a distintivos particulares do carioca em particular (morador de favela, sambista). Caracterizado como um malandro do morro, mesmo quando no início de um quadro aparecia empregado (sempre em tarefas de baixo grau de qualificação), no decorrer da cena geralmente seu esforço se dava no sentido de escapar ao trabalho. Nesse sentido, a caracterização reforça o imaginário nacional, uma vez que o vadio e a Lei da Vadiagem constituem uma das peculiaridades do racismo No Brasil, pois sua aplicação antecede o delito. (D'OLIVEIRA e VERGUEIRO, 2011, p. 130)

Esse é um dos primeiros exemplos de como o humor pode intensificar estereótipos, o que é bastante perigoso tendo em vista que vivemos em uma sociedade que passou por um longo processo de escravização dos negros.

Sobre os demais personagens, D'OLIVEIRA e VERGUEIRO explicam:

Didi é o migrante nordestino que vem ao Sudeste em busca de sobrevivência e utiliza todos os artifícios possíveis para isso, conseguindo muitas vezes, com sua argúcia, reverter as situações difíceis em que se vê envolvido. Dedé é o malandro carioca que sobrevive de pequenos subterfúgios, enganando muitas vezes os próprios companheiros na busca de lucros pessoais, mas sem lhes trazer realmente grandes prejuízos. ... Por fim, Zacarias, o último a se unir ao grupo, personifica uma forma diferente de comportamento, exibindo uma inocência infantil que contrasta com o jeito másculo de seus companheiros. (D'OLIVEIRA e VERGUEIRO, 2011, p. 126 - 127)

A geração dos comediantes nacionais que fazem sucesso nacional, é atualmente quem majoritariamente escreve, atua e produz. Reúne nomes como Bruno Mazzeo, Fábio Porchat, Gregório Duvivier, Marcelo Adnet, Tálita Werneck, Daniela Giust, Rafinha Bastos e Danilo Gentili.

Eles se tornaram conhecidos pelo *YouTube* e pela febre importada dos Estados Unidos na primeira década dos anos 2000, o *stand up comedy*. Nesse tipo de espetáculo o humorista se apresenta sozinho no palco sem caracterização estética e visual. Interage de “cara limpa” com a plateia e conversa sobre fatos do cotidiano.

“Com a democratização da web, a facilidade de acesso e o surgimento dos canais pagos, séries, programas e filmes voltaram-se para a comédia e tornaram-se os grandes sucessos das redes. O humor saiu do anonimato da internet para fazer parte das programações diárias dos canais de televisão, sendo suas maiores apostas para conquistar os públicos. Com o gênero emergente, os humoristas foram invadindo as telas e teatros, apresentando programas, recebendo papéis de destaques em novelas e mini séries e protagonizando espetáculos do mais novo estilo: comédia *stand up*.” (AMORIM, 2014)

Esse fenômeno do humor na internet é refletido no *YouTube*, maior plataforma de vídeos do mundo. Dos dez canais do *YouTube* com mais assinantes no Brasil, cinco classificam-se no gênero comédia somando mais de 40 milhões de inscritos. Seja contando situações cotidianas dos autores do canal (*whinderssonnunes*), ou seja, com produção de conteúdo humorístico, fazendo sátira de situações corriqueiras do dia a dia do brasileiro (Porta dos Fundos). Esses humoristas migram para canais de TV e apresentam-se em palcos de teatro e casas de show com seu espetáculo de *stand up comedy*.

Então esses representantes do humor ganham cada vez mais espaço e influência na construção de tendências de comportamento. A televisão foi outro lugar galgado por essa geração. Programas de entrevistas, participações em novelas, esquetes humorísticos e revistas semanais, todo o sucesso virtual garantiu um espaço televisivo para esses comediantes.

Na Globo, existiam programas como o Zorra Total e no SBT, A Praça é a Nossa. Esses são dois dos programas de humor mais populares da TV aberta e ambos são apresentados em formato de esquetes.

Em 2008 a TV Bandeirantes estreou um novo tipo de programa humorístico: o Custe Que Custar (CQC), que possuía um formato baseado no programa argentino *Caiga Quien Caiga*. A versão brasileira era transmitida semanalmente e ficava cerca de 120 minutos no ar, sua principal diferença entre a maioria dos programas de humor da época era seu caráter jornalístico.

Os comediantes Marcelo Tas, Marco Luque e Rafinha Bastos dividiam a bancada do programa que tinham como pautas fatos políticos, esportivos e artísticos. A equipe de repórteres era formada por Danilo Gentili, Oscar Filho, Felipe Andreoli e Rafael Cortez. Essa era a formação do primeiro ano do programa que ao longo das oito temporadas teve várias mudanças.

Em 2011, estreou na TV Bandeirantes o Agora é Tarde, produto criado e apresentado pelo próprio Gentili. O programa tem o formato de um *Talk Show* e era transmitido durante 45 minutos, inicialmente ia ao ar 3 vezes por semana, posteriormente passou a ser 4 vezes e foi apresentado pelo seu criador até 2013.

Em seguida o Agora é Tarde passou a ser comandado por Rafinha Bastos entre 2014 e 2015, último ano do programa. Durante esse período Gentili migrou para o SBT e criou o The Noite com Danilo Gentili, com o mesmo formato do seu trabalho anterior, apresentado diariamente com uma duração de cerca de 60 minutos.

Ou seja, o público que eles tinham foi potencializado com uma ocupação cada vez maior desses comediantes na programação das emissoras. Os limites do humor que eles tinham no palco, ou a falta desses limites, deveriam ser repensados quando eles passam a ocupar outro veículo de apresentação.

Não é só uma piada

O humor dialoga com os estereótipos sociais a todo momento, atuando de forma combativa ou reforçando estigmas. Em busca do sorriso, muitas vezes os humoristas se valem da perpetuação dos preconceitos. A loira burra, a mulher que trai, o negro marginal, o nordestino da seca, o gaúcho homossexual, o carioca malandro e por aí vai a perpetuação de um pensamento que não foi criado pelo humorista, mas que ele ajuda a manter vivo.

O comediante, muitas vezes, se desprende da responsabilidade, argumentando que não cria o estereótipo, mas apenas resgata algo já internalizado nos próprios espectadores. O velho discurso de que “o preconceito está na cabeça de quem ri”, e na de quem fala, também não está? Quando se conta uma piada, o objetivo não é de fazer rir? Então, você espera esse riso como resposta positiva àquilo que você contou. Se a culpa pela disseminação do preconceito está em quem escuta, por que contar a piada, então? Temos uma transferência de responsabilidade e uma tentativa de colocar neutralidade num discurso humorístico. Uma neutralidade que não existe.

As piadas racistas, não podem ser justificadas como apenas uma ação social e coletiva. Sua construção individual também reforça os estereótipos. Além do mais não é um problema da vítima, deve ser tratado como reponsabilidade dos opressores, assim constatando mais um caso da busca pelo ideal de branqueamento. Maria Aparecida Silva Bento, no texto Branqueamento e Branquitude no Brasil, aborda a omissão do branco nas discussões sobre igualdade racial, como se esse problema não fosse de responsabilidade dele. Um papel semelhante ao ocupado pelo humorista que rejeita ser agente opressor e coloca a culpa na plateia. Para Maria Aparecida o branqueamento “... é frequentemente considerado um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais.” (2002)

Explicando assim, por exemplo, os fenômenos dos humoristas negros que reforçam estereótipos raciais em suas piadas, ferindo os próprios princípios étnicos e de seus pares. O caso mais comum quem encontramos é do humorista Marcelo Marrom.

“Marcelo Marrom, infelizmente, é um homem negro que faz piadas vergonhosas ridicularizando a si mesmo e pessoas negras. Age como uma espécie de neocapitão do mato, tentando caçar nossa dignidade, nossa autoestima, que há anos lutamos para ter. Capitão do mato do humor para entreter a casa grande. Que a ancestralidade tenha misericórdia dele.” (RIBEIRO, 2014)

O discurso humorístico baseado em estereótipos raciais ajuda a reforçar um ideal de branquitude que dificilmente é alvo das piadas. A discriminação racial é uma das principais matérias primas dos discursos humorísticos. As piadas, mesmo usadas de forma a “apenas buscar o riso”, desvalorizam as pessoas, deixando as vítimas passíveis de serem

naturalmente exploradas e subjugadas. Maria Aparecida ainda complementa sobre o que a repressão pode causar nos indivíduos reprimidos:

“As inibições, repressões e fracassos vividos por um grupo geram nele cargas de rancor que podem explodir, da mesma maneira que, em nível individual, o medo ou a angústia liberam e mobilizam no organismo forças incomuns. ”
(BENTO, 2002)

O Brasil presencia costumeiramente casos em que o discurso humorístico extrapola a barreira da liberdade de expressão e agride aqueles que ouvem as piadas.

Análise de casos

O conceito de liberdade de expressão em alguns casos está associado a expressão “vale de tudo”, entretanto é necessária cautela, pois na construção de um ambiente onde tudo é possível situações inadmissíveis acontecem. Segundo Amorim, “... todo o tipo de humor que invade, ofende, fere, difama, satiriza, constrange, violenta a dignidade alheia e ultrapassa os limites do outro indivíduo não é válido, não é engraçado e não pode servir para o entretenimento. ” (2014).

A seguir iremos exemplificar duas situações que são resultados dessa busca desenfreada do riso.

1. Caso Michele

Em 03 de outubro de 2013, quando Gentili ainda apresentava o Agora é Tarde, uma das convidadas foi a técnica em enfermagem Michele Rafaela Maximino, responsável por doar mais de 417 litros de leite para hospitais e unidades de saúde do estado de Pernambuco. Durante o programa, o apresentador comparou a técnica, moradora de Quipapá, com o ator de cinema pornô Clóvis Basílio dos Santos ao afirmar em rede nacional: “Em termos de doação de leite, ela está quase alcançando o Kid Bengala. ”.

Essa afirmação trouxe à tona uma série de piadas sexistas envolvendo Michele. Entre os termos mais ouvidos por ela estava o “olha a vaca do Gentili”. Toda essa ofensa

sofrida por Michele resultou na queda da sua doação, sua produção de leite materno caiu de 2l para 600ml por dia

O que culminou para seu advogado de entrar com um processo cível ainda em outubro de 2013. Uma sentença da 2ª Vara Cível de Olinda determinou que a emissora Bandeirantes retirasse da internet o trecho em que Danilo ofende Michele, caso contrário a emissora pagaria uma multa diária de R\$ 5 mil a enfermeira.

Mais de dois anos depois, no dia 13 abril desse ano o Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE) condenou a emissora de televisão, Danilo Gentili e Marcelo Mansfield (comentarista do programa que também ofendeu a vítima) a pagarem uma indenização de R\$ 200 mil a Michele.

Mesmo com essas condenações, a repercussão desse caso ainda abala a moradora de Quipapá. Exatamente um mês depois da condenação do TJPE seu advogado prestou queixa na delegacia de Jaboatão dos Guararapes a respeito de uma série de fotos pornográficas enviadas por homens para o perfil no *Fecabook* da sua cliente.

Esse caso é um exemplo muito forte de como o humor pode oprimir e naturalizar situações ofensivas. Afinal de contas escutar um apresentador em rede nacional estabelecer comparações impróprias dá uma ideia de permissividade a um público que, inconscientemente, acaba naturalizando aquela postura. O que demonstra também o machismo ainda presente na nossa cultura.

2. Caso Alexandre Frota

No *talk show* "Agora é Tarde", já comandado por Rafinha Bastos, em maio de 2015, o ator, diretor, ex-modelo e comediante Alexandre Frota de Andrade, disse teria estuprado uma líder de religião de matiz africana. Durante o relato se utiliza de vários termos pejorativos e desrespeitosos com relação tanto a líder religiosa quanto aos rituais. Além de reforçar o estereótipo que demonizam as religiões afrodescendentes. Durante o relato ele chama uma das moças da plateia, que fica visivelmente constrangida ao ser posicionada de costas para Frota, para ilustrar como teria decidido que o corpo da mulher era agradável o suficiente para ele. O relato continua com riqueza de detalhes e as intervenções do apresentador são apenas com a intenção de fazer o ator e humorista repetir, por várias vezes, as expressões que julgava serem mais engraçadas. O ator inclusive chega a ironizar o fato de que a mulher teria desmaiado durante o ato.

Num país onde uma mulher é estuprada a cada doze segundos em média, a repercussão do caso foi estrondosa. Muitas pessoas se manifestaram contra o ocorrido nas redes sociais. Chegando ao ponto de o Ministério Público convocá-lo a depor sobre o episódio, onde ele alegou que se tratava apenas de uma piada.

Depois de alguns meses, em novembro do mesmo ano, Alexandre Frota apareceu em um vídeo publicado na página do “Jornal Tribuna Afro Brasileira” onde se desculpou publicamente frente à comunidade religiosa de afro-brasileiros.

Liberdade de Expressão em Xeque?

Todos esses casos citados e detalhados ferem o conceito de Liberdade de Expressão, pois vai de encontro ao direito e a liberdade das vítimas. O comportamento comum entre os autores das piadas maldosas citadas no tópico anterior é o discurso de colocar em xeque a liberdade de expressão, afirmando que se trata de censurar essa liberdade.

“Censura é uma coisa abominável. Mas não pode ser confundida com a proibição de usar meios de massa que possuem concessão pública para a apologia à discriminação étnica, à homofobia, à xenofobia e a preconceitos e intolerâncias – que é o que certas piadas fazem. ”
(SAKAMOTO, 2012)

Esses espaços de reprodução estão cada vez mais inseridos na programação das TVs abertas no Brasil. A democratização da comunicação é o principal passo a ser tomado para que haja uma maior pluralidade de programação e um controle maior sobre os produtos que vão de encontro aos direitos humanos.

“Para Expressar a Liberdade – Uma nova lei para um novo tempo” é uma campanha encabeçada pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação – FNDC e tem como objetivo criar um novo marco regulatório que garanta o direito à comunicação e a liberdade de expressão de todos os cidadãos e cidadãs, de forma que as diferentes ideias, opiniões e pontos de vista, e os diferentes grupos sociais, culturais, étnico-raciais e políticos possam se manifestar em igualdade de condições no espaço público midiático.

A nova regulação deveria seguir os seguintes princípios, segundo o FNDC:

- Assegurar a pluralidade de ideias e opiniões nos meios de comunicação;
- Promover e fomentar a cultura nacional em sua diversidade e pluralidade;

- Garantir a estrita observação dos princípios constitucionais da igualdade; prevalência dos direitos humanos; livre manifestação do pensamento e expressão da atividade intelectual, artística e de comunicação, sendo proibida a censura prévia, estatal (inclusive judicial) ou privada; inviolabilidade da intimidade, privacidade, honra e imagem das pessoas; e laicidade do Estado;
- Promover a diversidade regional, étnico-racial, de gênero, classe social, etária e de orientação sexual nos meios de comunicação;
- Garantir a complementaridade dos sistemas público, privado e estatal de comunicação;
- Proteger as crianças e adolescentes de toda forma de exploração, discriminação, negligência e violência e da sexualização precoce;
- Garantir a universalização dos serviços essenciais de comunicação;
- Promover a transparência e o amplo acesso às informações públicas;
- Proteger a privacidade das comunicações nos serviços de telecomunicações e na internet;
- Garantir a acessibilidade plena aos meios de comunicação, com especial atenção às pessoas com deficiência;
- Promover a participação popular na tomada de decisões acerca do sistema de comunicações brasileiro, no âmbito dos poderes Executivo e Legislativo;
- Promover instrumentos eletrônicos de democracia participativa nas decisões do poder público.
- O marco regulatório deve abordar as questões centrais que estruturam o sistema de comunicações e promover sua adequação ao cenário de digitalização e convergência midiática, contemplando a reorganização dos serviços de comunicação a partir da definição de deveres e direitos de cada prestador de serviço. Sua estrutura deve responder a diretrizes que estejam fundadas nos princípios constitucionais relativos ao tema e garantam caráter democrático para o setor das comunicações.

Considerações Finais

No decorrer do texto podemos perceber que o humor pode ser levado de forma leviana pelos comediantes, que na busca do riso da sua audiência, extrapola os limites da liberdade de expressão, intensifica a naturalização de estereótipos e muitas vezes criam situações vexatórias.

A ascensão da internet levou esses comediantes a saírem do anonimato e alcançarem cada vez mais plataformas de conteúdo, ou seja, expandiram suas piadas para novos públicos. Logo, é cada vez mais importante que exista resistência contra a busca ilimitada do riso, afinal liberdade não pode ser confundida com a capacidade de ofender grupos sociais e pessoas.

É necessário a conscientização desses comediantes e a implementação de medidas como o marco regulatório para garantir os direitos de toda a população brasileira, garantindo que nenhum cidadão se sinta ofendido ou constrangido em nome do divertimento e naturalização de estereótipos.

Referências

AMORIM, Manoella. **Os limites do humor**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/vies/variedades/os-limites-do-humor/>>. Acesso em: 18 maio 2015

BALOGH, Giovana. **Principal doadora de leite materno no Brasil processa Danilo Gentili**. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/10/doadora-leite-materno-processa-danilo-gentili.html>>. Acesso em: 18 maio 2015

BENTO, Maria Aparecida. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray CARONE, Maria Aparecido BENTO (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

D'OLIVEIRA, Gêisa Fernandes e VERGUEIRO, Waldomiro. Humor na televisão brasileira: o interessante e inusitado caso do programa Os Trapalhões. **Humor na mídia**, São Paulo, n. 88, p. 122 - 132, 2011.

Justiça condena Danilo Gentili a pagar R\$ 200 mil a doadora de leite. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pe/pe/noticia/2016/04/justica-condena-danilo-gentili-pagar-r-200-mil-doadora-de-leite.html>>. Acesso em: 18 maio 2015

Justiça determina multa a humorista por piada sobre doadora de leite. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pe/pe/noticia/2013/10/em-pe-doadora-de-leite-materno-ganha-causa-contra-humorista-de-sp.html>>. Acesso em: 18 maio 2015

LIMA, Venício. **Liberdade de expressão X Liberdade de imprensa: Direito à comunicação e democracia**. São Paulo: Publisher, 2010.

MONTENEGRO, Rebeca. **Após processo contra Danilo Gentili, doadora de leite volta a ser alvo de preconceito.** Disponível em: <<http://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2016/05/16/apos-processo-contradanilo-gentili-doadora-de-leite-volta-a-ser-alvo-de-preconceito-46562>>. Acesso em: 18 maio 2016

RIBEIRO, Djamila. **O verdadeiro humor dá um soco no fígado de quem oprime.** Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/o-verdadeiro-humor-da-um-soco-no-figado-de-quem-oprime-7998.html>>. Acesso em: 11 abr. 2016

SAKAMOTO, Leonardo. **O humor deve ter limites ou vale tudo em nome da liberdade de expressão?** Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2012/12/17/o-humor-deve-ter-limites-ou-vale-tudo-em-nome-da-liberdade-de-expressao/>>. Acesso em: 18 maio 2015

SILVA, Antônio Ozaí da. **O riso dos outros: a liberdade tem limites?** Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2013/06/12/o-riso-dos-outros-o-humor-tem-limites/>>. Acesso em: 18 maio 2015